



CORES E DORES DO TRABALHO DOCENTE: OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A ESCOLA PARA PROFA. ROSÁRIA DOS REIS FRANCISCO DOS SANTOS

Jordanna Victoria Pinheiro dos Santos¹ *(IC) Rosivaldo Pereira de Almeida² *(PQ)

¹ Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina. E-mail: jordannavictoria2517@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina. E-mail: rosivaldo2705@hotmail.com

Resumo: O trabalho aborda os sentidos atribuídos à escola para Rosária dos Reis Francisco dos Santos, mulher negra e professora do ensino fundamental, que atua na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, instalada no Distrito de Barra (Buenolândia), no Município de Goiás.

Palavras-chave: Educação do Campo. Professoras Negras. Sentidos da Escola.

Introdução

O resumo descreve o projeto de iniciação científica “Cores e dores do trabalho docente” e se constitui parte da pesquisa em andamento “Sentidos atribuídos à escolarização e ao trabalho docente pelos professores que atuam no meio rural, no Município de Goiás”, coordenado pelo Prof. Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida. O projeto de pesquisa em andamento objetiva investigar os sentidos atribuídos à escolarização e ao trabalho docente pelos professores que atuam no meio rural, no Município de Goiás. Busca apreender os sentidos atribuídos a escola para Profa. Rosária dos Reis Francisco dos Santos, a partir da sua trajetória escolar e atuação profissional na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha.

Inicialmente fomos visitar as escolas com o propósito de conhecermos como era o estudo para os alunos; apreender as cores e dores do trabalho docente a partir da trajetória e atuação profissional de mulheres negras, bem como apreender o que revela a estrutura das escolas. Infelizmente, nosso trabalho de campo de campo foi interrompido em função da Pandemia de Covid – 19, momento no qual optamos trabalhar com trajetórias individuais.





Material e Métodos

Por meio da pesquisa qualitativa, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas, procuramos apreender o objeto em tela. Identificamos, a partir de falas da professora Rosária dos Reis Francisco dos Santos, suas aspirações e dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida, anseios e vontades de seguir no campo da educação escolar, bem como o desvelamento de uma realidade social de preconceitos raciais que ainda se manifestam no campo da educação escolar.

Com a Pandemia de Covid – 19, as entrevistas e diálogos foram feitos utilizando-se do aplicativo WhatsApp. Todos os diálogos estão preservados e armazenados no e-mail pessoal da estudante (IC). Foram realizados encontros, seminários interno de pesquisa, discussões variadas, incursões nas escolas do campo dentre outras atividades, as quais diretamente se relacionam com a produção do conhecimento.

Resultados e Discussão

Durante os trabalhos de campo, entre uma visita e outra, tivemos a oportunidade de conhecer a professora Rosária dos Reis Francisco dos Santos, na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha. Trata-se de uma mulher negra, como se considera nossa informante, profissional da educação básica, única professora da escola, que mora no Distrito da Barra e trabalha na escola. Questionada sobre sua trajetória de vida, lutas e desafios, nos informou que “sua vida não foi fácil, desde pequena”.

Em sua fala ficou evidenciada o orgulho de sua raça negra, “me considero uma mulher negra e com muito orgulho”. Com sua condição de mulher negra e professora atuante em escola do campo, ela trabalha na Escola desde o ano de 2002. Afirma-se, desde sempre, como camponesa que teve a oportunidade de se escolarizar em uma escola do campo multisseriada.





Com déficit de idade/série concluiu seus estudos escolares por meio de curso supletivo, concluindo, desse modo, o Ensino Fundamental, antiga 8ª série. No ano seguinte surgiu a oportunidade de trabalhar com alfabetização de jovens e adultos no Projeto de Assentamento Rural de Reforma Agrária Mata do Baú, com aulas ministradas a noite, porém, na região ainda possuía energia elétrica e esse detalhe atrapalhava bastante, exigindo da professora e dos alunos um esforço diário, mas a vontade de aprender a ler e escrever era tamanha que os alunos faziam vaquinha para comprar gás e abastecer um pequeno lampião, fixado no meio da sala .

Depois de trabalhar com alfabetização de jovens e adultos atuou na educação infantil, com as crianças do assentamento,

superamos o problema da falta de energia, pois as aulas aconteciam no período da manhã, porém os desafios continuavam, a escola não tinha nenhuma estrutura física, era uma escola sem parede, apenas coberta de palha e lona preta, de chão batido e bancos feitos pelos pais das crianças em regime de mutirão. Cada aluno trazia sua garrafinha de água para beber, e faziam suas necessidades no mato, nessa escola trabalhei por dois anos e apesar da precariedade consegui realizar um bom trabalho pois éramos desprovidos de estrutura física, mas motivados por uma grande vontade de aprender. (Profa. Rosária Santos)

Em nosso entendimento a Professora Rosária, movida por um desejo de ensinar e os estudantes motivados pelo desejo de apreender, ultrapassaram as barreiras das possibilidades limitadas pelas condições objetivas e subjetivas, tão necessárias aos processos de ensino e aprendizagem. De empregada doméstica passou a professora da educação básica do campo. “Eu que até só havia trabalhado como empregada doméstica me sentia muito orgulhosa de ter me tornado professora, mesmo sem nenhuma formação ganhando um salário baixo essa condição me motiva crescer e buscar novas oportunidades”.

No ano de 2001 cursou magistério, curso foi exclusivo para professores sem formação que estavam atuando em salas de aula no Município e teve duração de dois anos. através do modo semipresencial, no período de férias assistia aulas presenciais e no período letivo estudava o material de apoio, acompanhada por professores que vinham da cidade.





Nesse período foi construída a primeira escola Polo do Município de Goiás que tinha como objetivo proporcionar aos alunos do campo melhor qualidade de ensino. A mudança para uma escola com boa estrutura motivou Rosária a continuar estudando. Concluiu o curso de magistério em 2002, e, no final de 2003, foi aprovada no vestibular para o curso de geografia na Universidade Federal de Goiás. Morar no campo sem acesso a internet e ir diariamente para a universidade, foi um desafio gigantesco, mas sua iniciativa encorajou outras mulheres do assentamento, a também prestarem vestibular e entrar para a universidade.

tenho muito orgulho de minha luta e de minha trajetória. Como sempre trabalhei nas series iniciais fiz também o curso de pedagogia e me especializei em alfabetização e letramento que é a minha grande paixão. Ver uma criança lendo suas primeiras palavras me motiva a seguir e não desistir diante das adversidades. Tenho orgulho de ser professora na escola municipal Terezinha de Jesus Rocha, aliás Terezinha de Jesus Rocha era uma mulher negra, atuante na comunidade de Buenolândia, fui sua aluna e sempre que posso tenho muito orgulho de contar sua história. (Profa. Rosária Santos)

Questionada sobre sua vida acadêmica, não soube precisar um número exato, de sua participação em congressos, seminários, projetos de ensino durante os cursos de formação e militar nas causas das mulheres negras. “já tive o prazer de compartilhar experiências com muitas mulheres negras, isso prova, que felizmente a mulher negra vem conquistando espaços que antes eram predominantemente ocupados por brancos”, mas vale ressaltar que essas conquistas não acontecem de um dia para o outro, conquistar o respeito, ter reconhecimento, as mesmas condições de acesso ao trabalho

No decorrer do desenvolvimento do nosso trabalho a professora Rosária nos informou que, como mulher negra, cotidianamente, sobre algum tipo de preconceito, perguntas do tipo, mas você é mesmo professora? Fez faculdade? As perguntas em si não apresentam nenhum preconceito se não viessem acompanhadas de um olhar de desconfiança, de um risinho irônico. Mas sempre superou sem maiores problema, mas um fato marcante nos foi relatado: No primeiro turno da último eleição para governadores e presidente (ano de 2018); como responsável pelo prédio da escola no dia das eleições, em um determinado momento um policial militar foi desrespeitoso com ela, mas quando descobriu que era a responsável por tudo ali e que o seu





superior havia recomendado que qualquer coisa que precisasse poderia falar com ela ficou extremamente sem graça e ainda comentou “não em sua presença” que pensou que ela fosse a faxineira da escola, ou seja, “pelo simples fato de ser negra, ele logo imaginou é a faxineira diante desses fatos que são infelizmente corriqueiros, percebe-se que o preconceito está presente em nossa sociedade de diversas formas, pela cor, pela profissão, visão dele uma por ser faxineira a pessoa pode ser maltratada, tratada de qualquer jeito”

Considerações Finais

A pesquisa desenvolvida sobre a trajetória de uma professora negra, se relaciona e entrecruza com outras experiências desejos, aspirações e lutas contra o preconceito (SILVA, 2019). Desvelamos, então, através dos estudos, questionamentos da realidade e análise dos conteúdos das falas que o preconceito racial atravessa a trajetória escolar e profissional de mulheres negras. Por outro lado, identificamos que podemos vencer o preconceito utilizando-se da educação para empoderamento das mulheres negras. A educação é um caminho que pode transformar pessoas para ter uma vida melhor, um aprendizado e um ensino de qualidade.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Goiás (PIBIC/UEG)

Referências

SILVA, Edson Batista da; Uma Análise da Educação do Campo a partir da Realidade Escolar do Município de Minaçu: 2011, 2013. in. SOUZA, Murilo Mendonça de (org). Educação no Campo, Lutas, Experiências e Reflexões. Goiânia: Ed. UEG, 2018





01, 02 e 03
dez. 21

Desafios e Perspectivas da
Universidade Pública
para o Pós-Pandemia



CLAUDILENE, Maria da Silva. Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Educação). Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.



www.cepe.ueg.br

realização



Universidade
Estadual de Goiás

